

Además, ha sido creadora y directora de la Escuela de Música «Carlos Soto» del Ayuntamiento de Boadilla del Monte (Madrid, 1996-2000) y de la Escuela de Música del Colegio Internacional “Maximiliano Kolbe” (Villanueva de La Cañada, Madrid, 2009-2014). Igualmente, ha sido directora de la *Escuela de Verano para Jóvenes Músicos* y de las *Jornadas de Pedagogía* de Lucena (Córdoba, 2000 a 2004) dirigidas a profesores de enseñanza musical de Primaria, Secundaria, Escuelas de Música y Conservatorios. Ha sido ponente en las Jornadas de Musicología organizadas por la Universidad Católica de Buenos Aires (UCA, noviembre 2016) e invitada a impartir dos conferencias sobre la escuela pianística de Vicente Scaramuzza (Departamento de Música de la Universidad Nacional de las Artes, La Plata, 2016; Master Class en la Universidad Alfonso X el sabio, Madrid, diciembre 2016). Es autora de diversos artículos sobre educación musical publicados en las revistas *Quodlibet* y *12 notas*.

**Luís Miguel Santos: “*Essas mãos são, elas próprias, um poema sinfónico*”: o discurso sobre a direcção de orquestra em Lisboa nas décadas de 1910 e 1920**

Nas décadas de 1910 e 1920, Lisboa testemunhou um florescimento sem precedentes do interesse pelos concertos sinfónicos públicos há muito ambicionados pelos músicos-intelectuais. No final de 1911, no então Teatro da República, foi estabelecida uma série de concertos por uma orquestra regida pelo maestro espanhol Pedro Blanch, a qual manteria a sua actividade em séries anuais sucessivas até à sua dissolução em 1928. Entre algumas outras tentativas efémeras, destacou-se igualmente a série anual que se desenrolou a partir de 1913 no Teatro Politeama, dirigida inicialmente por David de Sousa, e após a morte deste por Viana da Mota (1918-1920) e Joaquim Fernandes Fão (1920-1930), para além dos Novos Concertos Sinfónicos de Lisboa dirigidos por Pedro de Freitas Branco no Teatro Tivoli entre 1928 e 1932.

Estas séries de concertos parecem ter desempenhado um papel importante na ampliação do repertório sinfónico conhecido em Portugal, num período em que estava em curso um processo de mudança na vida musical lisboeta, com raízes no século XIX, no qual se assistia a uma afirmação gradual da música sinfónica. Nesse processo, os críticos musicais e os intelectuais activos na imprensa generalista e nos periódicos musicais parecem, de facto, ter desempenhado um papel fundamental, em articulação com a actividade levada a cabo pelas diferentes orquestras, tendo-se desenvolvido um discurso que incidia sobre variados aspectos desde os repertórios e a programação, ao próprio espaço do concerto público e aos comportamentos dos diversos intervenientes.

A presente comunicação considera o discurso que nesse quadro floresceu referente à ratificação da autoridade de intérpretes e de determinados modos de comportamento e de interpretação, focando especificamente o caso dos directores de orquestra. Pretende-se, por um lado, identificar as práticas e modelos promovidos pelos próprios regentes — sem esquecer a sua articulação com a actuação da crítica —, tendentes a uma ritualização e sacralização da interpretação e do evento concertístico. Por outro lado, pretende-se explorar os mecanismos discursivos envolvidos neste processo, para, finalmente, avaliar as suas implicações na construção de uma visão sobre a música sinfónica.

*Nota biográfica*

LUÍS MIGUEL SANTOS é doutorando em Ciências Musicais Históricas na FCSH/NOVA, usufruindo de uma Bolsa de Doutoramento concedida pela FCT. A sua dissertação, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Ferreira de Castro, debruça-se sobre a música sinfónica em Lisboa no período 1910-1933. Estudou na Escola de Música do Conservatório Nacional, tendo concluído o Curso Complementar de Piano (2006), e na FCSH/NOVA obteve a Licenciatura em Ciências Musicais (2007), bem como o Mestrado em Musicologia Histórica (2010). Desde 2007, é também investigador Colaborador do CESEM | Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, no âmbito do qual foi Bolseiro de Investigação (2007-2010), integrando actualmente o Grupo de Investigação em Teoria Crítica e Comunicação. Colabora ainda regularmente na redacção de textos musicológicos com a Casa da Música do Porto, o Teatro Nacional de S. Carlos e a Fundação Calouste Gulbenkian.